



Prospectiva

PUBLIC AFFAIRS LAT.AM

Eleições

2026

resultados 1º turno



OUTUBRO 2026



O 1º turno e os limites da mudança

A eleição de 2026 ocorre sob a sombra de comparações com 2014. Em ambos os casos, a polarização política se combina com pessimismo econômico, pressão por ajuste fiscal e dúvidas sobre a capacidade do próximo governo de coordenar uma agenda em um ambiente de menor crescimento. A comparação, porém, não deve ser levada ao extremo: o Brasil chega a 2027 andando de lado, e não diante de uma ruptura.

O próximo governo enfrentará uma economia em desaceleração, juros ainda elevados e a necessidade de revisar despesas e prioridades orçamentárias. O ajuste fiscal terá custo político, mas a expectativa de queda da Selic reduz o risco de uma deterioração desordenada das condições financeiras.

A política também será desafiadora. Lula e Flávio chegam ao 2º turno com bases consolidadas, e a disputa dependerá da capacidade de cada candidatura de ampliar a rejeição ao adversário e atrair eleitores independentes. O Congresso seguirá mais autônomo e predominantemente conservador,

enquanto o Centrão manterá sua influência sobre a formação de maiorias e a definição da agenda. A governabilidade continuará, assim, baseada na negociação permanente com as lideranças das Casas.

Isso não significa que o próximo governo será incapaz de produzir resultados. Nos últimos 15 anos, mesmo em períodos de forte conflito político e pessimismo econômico, o país aprovou medidas de impacto relevante, como a Reforma Trabalhista, o Teto de Gastos e a Reforma Tributária.

A polarização elevará o custo político do ajuste fiscal, enquanto a relação entre Executivo, Congresso e STF continuará sujeita a conflitos sobre orçamento, prerrogativas e limites de atuação de cada Poder. Ao mesmo tempo, a queda dos juros pode aliviar as condições financeiras, enquanto a convergência entre governo, Congresso e setores produtivos pode viabilizar avanços em marcos regulatórios e em medidas de interesse econômico transversal.

01

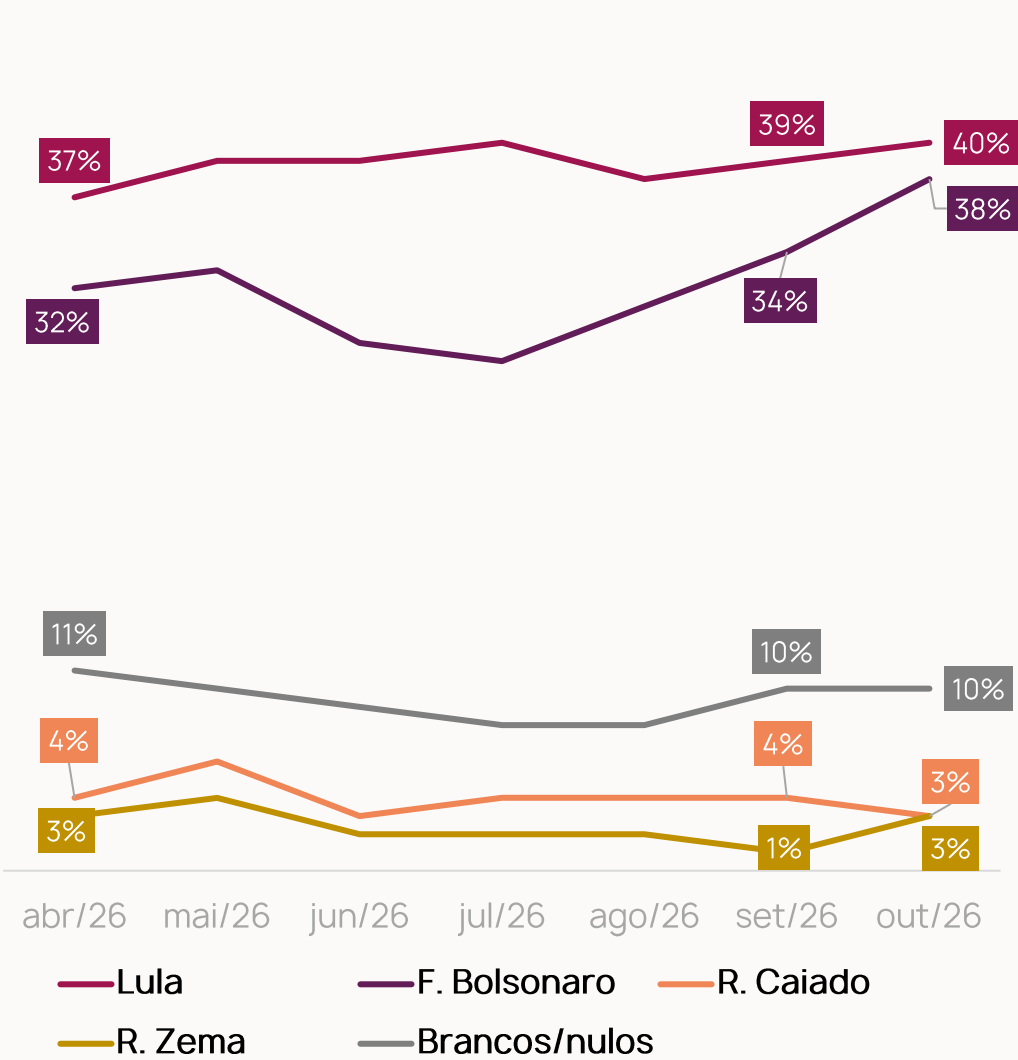
O QUE A ELEIÇÃO PRODUZIU



A eleição presidencial

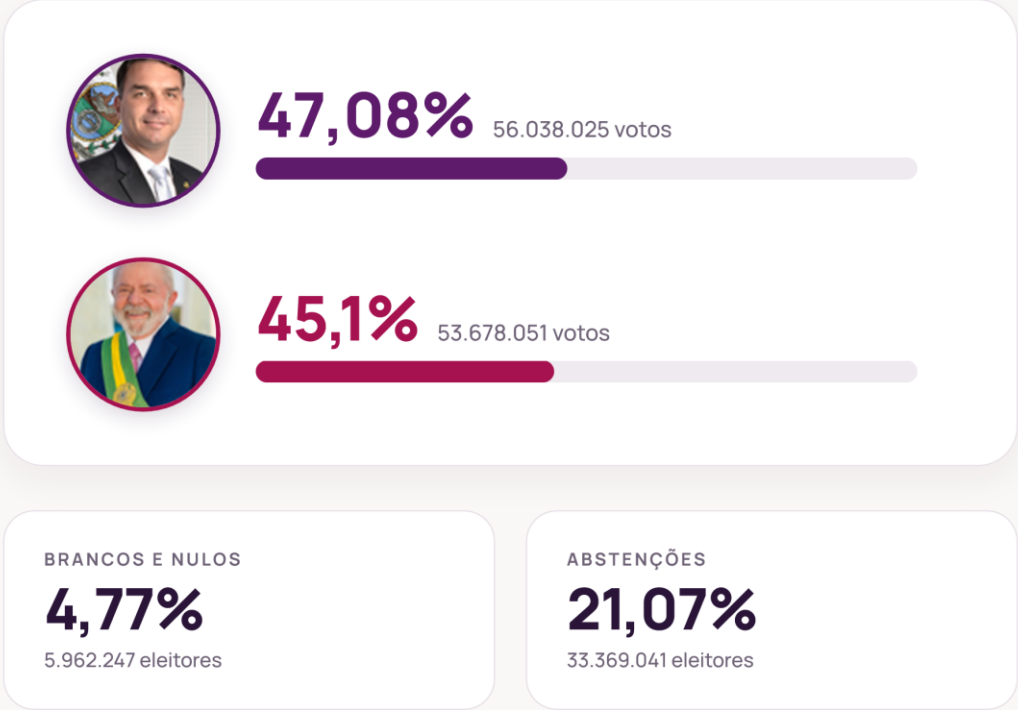
INTENÇÃO VOTOS 1º TURNO

Fonte: Quaest, Prospectiva



1º TURNO

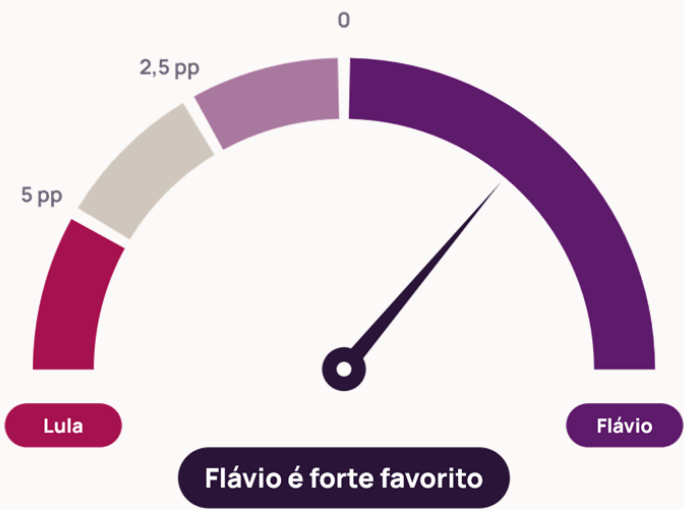
Votos válidos



Fonte: TSE - Prospectiva

Termômetro eleitoral

Vantagem no 2º turno, em pontos percentuais



- +5 pp pró-Lula**
Lula vai ao 2º turno como favorito
- Entre 5 e 2,5 pp pró-Lula**
Disputa em aberto
- Entre 2,5 pp pró-Lula e empate**
Flávio é o favorito
- Vantagem de Flávio**
Franco favorito para vencer o 2º turno

Flávio Bolsonaro liderou a disputa durante todo o processo de apuração. Com 99,15% das urnas contabilizadas, o senador somava 47,19% dos votos válidos, contra 44,98% de Lula. Embora o resultado tenha diferido numericamente do apontado pelas pesquisas, permaneceu dentro das margens de erro projetadas pelos institutos.

O desempenho confirmou a trajetória de crescimento de Flávio nos últimos dois meses.

Sua popularidade foi recuperada após o arrefecimento do impacto causado por seu áudios a Daniel Vorcaro, e impulsionada pela associação de Lulinha ao escândalo do INSS e, sobretudo, pelo envolvimento de ministros do STF no caso Master. O ambiente de insatisfação com o governo Lula e de oposição ao Judiciário contribuiu para antecipar o voto útil em favor do senador, movimento evidenciado pela desidratação de Augusto Cury nas últimas semanas.



Flávio também foi favorecido pela transferência de votos da terceira via, chegando ao 2º turno em posição de vantagem. A força de sua candidatura contribuiu ainda para a eleição de bancadas expressivas do PL na Câmara e no Senado, indicando que, independentemente do vencedor da disputa presidencial, a agenda de oposição ao STF terá peso relevante no próximo mandato.

Lula, por sua vez, não conseguiu enfrentar a tempo sua principal vulnerabilidade, a percepção sobre a economia, nem recuperar a vantagem que havia apresentado anteriormente. A preocupação com renda e custo de vida permanece elevada, assim como o endividamento entre as classes mais baixas e a classe média. Para responder a esse quadro, a campanha anunciou, poucos dias antes do pleito, medidas como o reajuste do Bolsa Família, a incorporação de canetas emagrecedoras ao SUS, o fim das bets e o Desenrola 3.0. As iniciativas, porém, enfrentaram dois obstáculos: não houve tempo suficiente para que produzissem efeitos eleitorais e parte do eleitorado pode tê-las percebido como anúncios já conhecidos, com menor capacidade de mobilização.

Com uma diferença de aproximadamente 2 pp, cerca de 2,5 milhões de votos, Lula precisará de uma reação excepcional para reverter o resultado no segundo turno. Diante do desempenho registrado hoje, Flávio Bolsonaro parte como favorito para vencer a etapa decisiva da eleição.

O resultado também aumenta a incerteza em torno de temas relevantes no Legislativo. Entre eles estão a votação da PEC da escala 6x1, cujo andamento estava parcialmente condicionado ao desempenho de Lula no 1º turno; a MP das bets, que pode abrir espaço para um modelo regulatório em vez da proibição total; e, sobretudo, a disputa pelas presidências da Câmara e do Senado. Com a presença ampliada do PL nas duas Casas, Davi Alcolumbre e Hugo Motta chegam enfraquecidos à eleição das Mesas Diretoras no próximo ano. Ao mesmo tempo, os dois candidatos presidenciais deverão disputar o apoio do Centrão durante a campanha para o 2º turno.

02

O QUE MUDOU NO CONGRESSO



Câmara dos Deputados

O elevado índice de reeleição (56,9%) limitou a renovação da Câmara. A direita bolsonarista consolidou a posição de maior bancada, mas partidos conservadores e de centro (Centrão) seguem com peso decisivo na formação de maiorias e preservam sua influência sobre a agenda da Casa. A continuidade da composição também mantém o peso de lideranças associadas à negociação de cargos, recursos e emendas.



Dados parciais com >99% das urnas totalizadas nos estados

Para as agendas setoriais, a Câmara poderá continuar sendo um espaço central de iniciativa e negociação. Como nos governos Bolsonaro e Lula 3, o Executivo tende a concentrar esforços em suas prioridades, sobretudo econômicas, enquanto a apresentação e a negociação de marcos regulatórios e outras propostas setoriais devem partir, em grande medida, dos parlamentares.

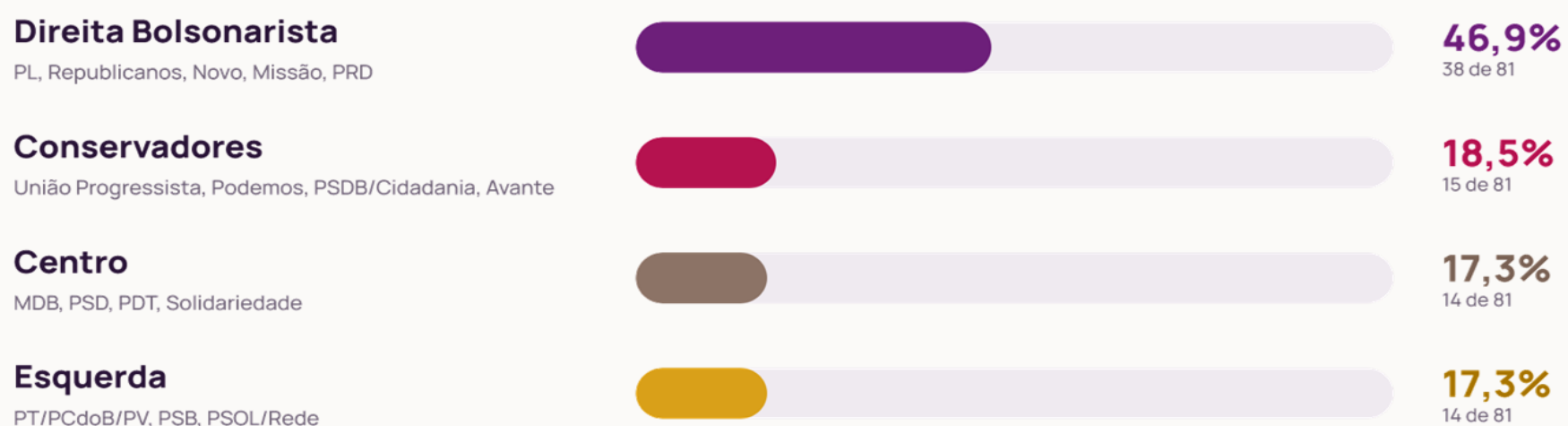


Senado Federal

A eleição consolidou o avanço das bancadas mais conservadoras no Senado, especialmente da direita bolsonarista, que passou a ocupar cerca de um terço da Casa, dando continuidade a uma trajetória de ascensão já observada nos pleitos anteriores. Para alcançar a maioria absoluta, esse grupo precisará compor com os demais segmentos conservadores, com os quais já compartilha parte relevante da agenda. O crescimento discreto do centro e da esquerda, por sua vez, não altera sua posição minoritária na Casa.

Bancadas por grupos ideológicos

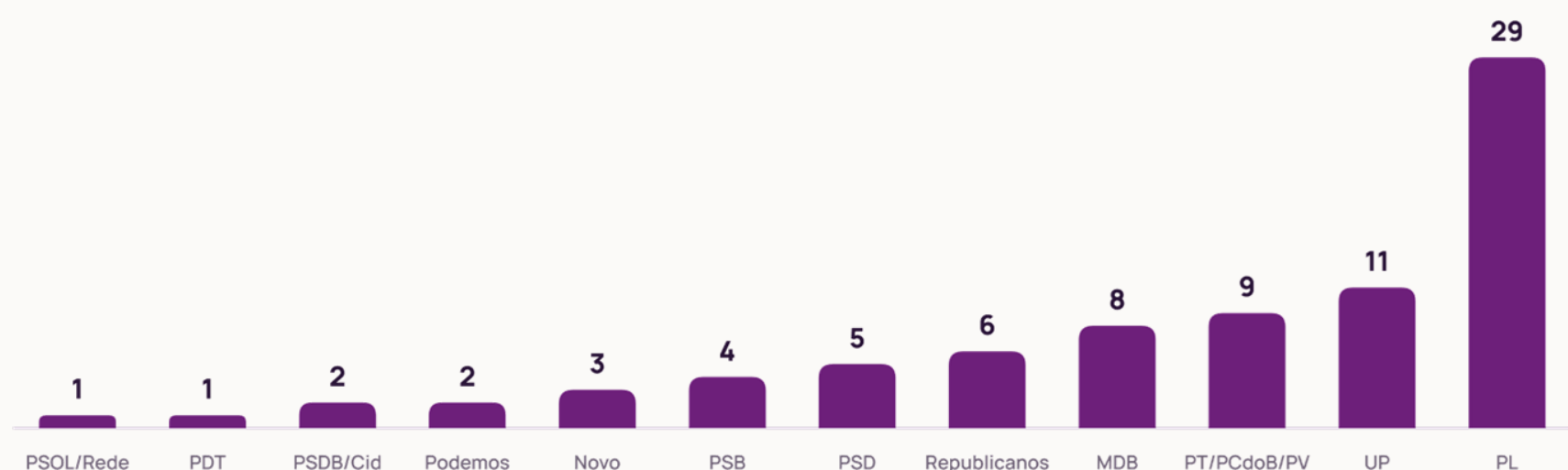
Fonte: TSE - Prospectiva



Pautas anti-STF por partido

Parlamentares que defendem pautas anti-STF, por legenda
Fonte: TSE - Prospectiva

63% defendem pautas anti-STF

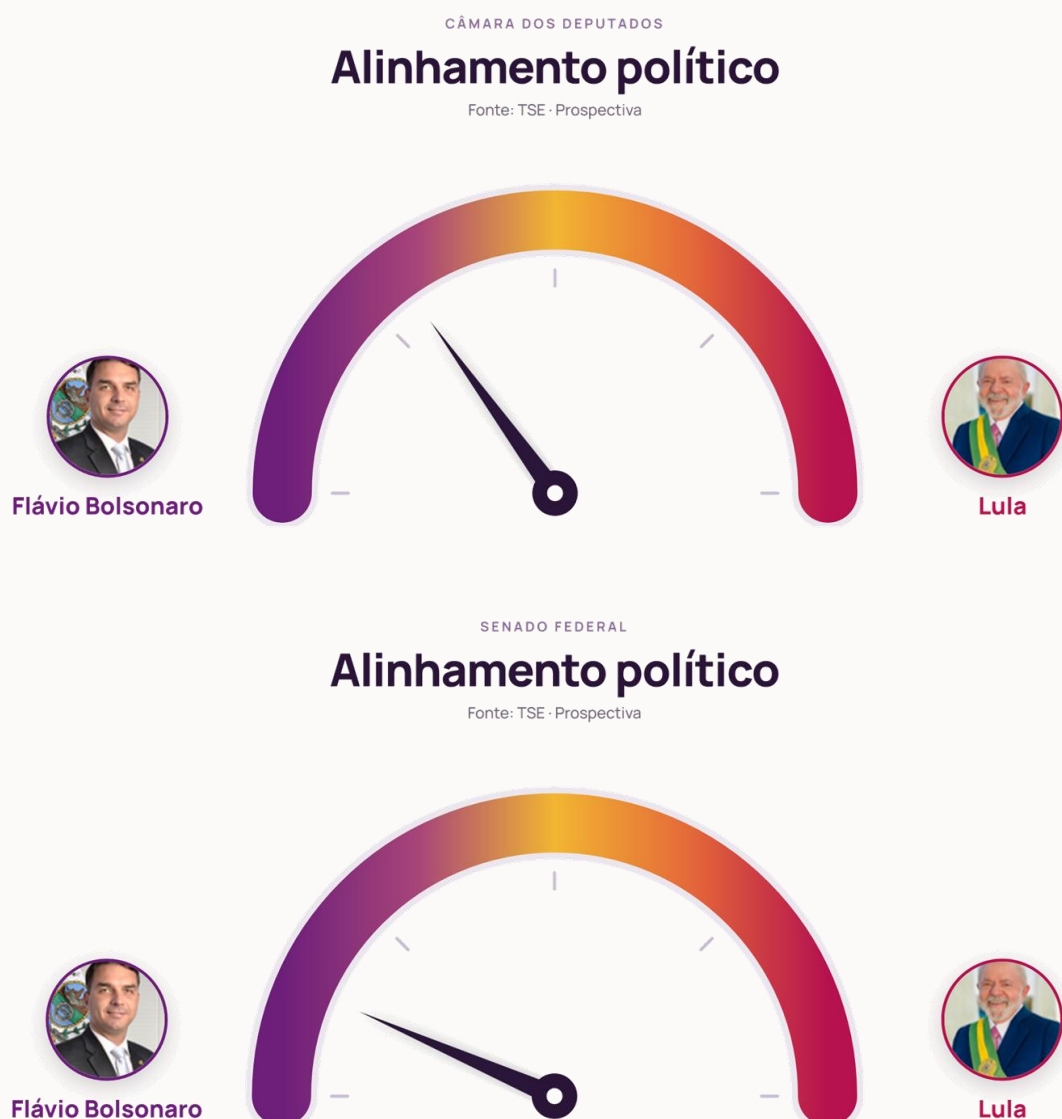


O crescimento da bancada bolsonarista tende a reforçar uma agenda de confronto com o STF, incluindo maior apoio a pedidos de impeachment de ministros da Corte, além de propostas voltadas à revisão de suas prerrogativas e à limitação de decisões monocráticas. Nesse cenário, a disputa pela Presidência da Casa Alta ganha importância: quem assumir o comando terá papel central no encaminhamento desses pedidos e na resposta institucional à pressão das bancadas. Diante da possibilidade de duas candidaturas à direita, de Rogério Marinho (PL/RN) e Tereza Cristina (PP/MS), Davi Alcolumbre (UP/AP), caso dispute a reeleição, buscará apoio do centro e da esquerda.



Governabilidade e relação entre os Poderes

A governabilidade a partir de 2027 dependerá da composição do Congresso, da formação das maiorias e da capacidade de avançar agendas custosas, como a revisão do Orçamento. As presidências da Câmara e do Senado terão papel central nesse processo.



Lula enfrentaria o custo de manter uma base de apoio em um Congresso ainda mais ideologicamente distante do que o atual, negociando caso a caso com as lideranças das Casas. Embora a relação próxima com os presidentes da Câmara e do Senado possa facilitar a aprovação de propostas, a formação de maiorias estáveis tenderia a ser mais difícil. A relação com o STF também poderia complicar o início do mandato: conflitos entre os Poderes consumiriam espaço político e atenção do governo, reduzindo a margem para discutir a agenda

fiscal e encurtando a tradicional “lua de mel” de um novo governo. Recorrer à Corte continuaria sendo uma alternativa em impasses específicos, mas o desgaste dessa estratégia no Legislativo e a piora de sua imagem perante o eleitorado tornariam seu uso politicamente mais custoso.

Já Flávio partiria de maior afinidade ideológica com o Congresso. Seu desafio seria transformar essa proximidade em uma maioria estável, inclusive diante de projetos impopulares ou de divergências entre a base bolsonarista e os aliados de centro. O distanciamento em relação à atual composição do STF aumentaria o incentivo para resolver impasses no Legislativo, com mais concessões às lideranças das Casas. Ao mesmo tempo, propostas para rever prerrogativas da Corte poderiam gerar conflitos entre os Poderes.

04

EM DEFINIÇÃO...



Depois do 1º turno: o que mudou e o que permanece em aberto

Flávio chega ao 2º turno na liderança, ainda que por margem estreita. O resultado demonstra a força do voto de oposição, reunido pela crise do STF, pela ausência de uma terceira via competitiva e pela antecipação do voto útil. Seu desempenho em grandes centros urbanos, especialmente nos estados de SP, RJ e MG, reforça a capacidade de sua candidatura de avançar além do núcleo bolsonarista. Ao mesmo tempo, a composição desse apoio, fortemente associada à rejeição a Lula, mostra que a liderança não equivale a uma base consolidada para o 2º turno.

O desafio será transformar o voto negativo em adesão suficiente para vencer a eleição. Para isso, Flávio precisará ampliar sua base sem perder a imagem de alternativa ao governo e sem permitir que questionamentos sobre as rachadinhas, suas relações políticas no Rio de Janeiro, o Banco Master e sua interlocução com o governo americano dominem a campanha. Em uma disputa decidida na margem, a capacidade de conter a rejeição e atrair os eleitores da terceira via será mais

importante do que ampliar expressivamente o eleitorado bolsonarista.

Uma vitória de Flávio alteraria o ponto de partida da governabilidade, mas não eliminaria seus obstáculos. A maior afinidade ideológica com o Congresso e o avanço de bancadas alinhadas ao bolsonarismo poderiam facilitar as negociações iniciais. Ainda assim, o Centrão permaneceria indispensável para formar maiorias, aprovar um eventual ajuste fiscal e sustentar uma agenda que inevitavelmente incluirá medidas de custo político.

Em 2027, Flávio encontrará uma economia em desaceleração, mas com juros em trajetória de queda, e poderá aproveitar a convergência com o Congresso para avançar agendas específicas. A liderança no 1º turno abriria uma oportunidade política; a vitória dependeria de transformá-la em uma coalizão funcional, sem ampliar os conflitos entre os Poderes.



Prospectiva

PUBLIC AFFAIRS LAT.AM



Eleições 2026: resultados 1º turno

PROSPECTIVA · PUBLIC AFFAIRS LAT.AM
www.prospectiva.com.br

